

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

É necessário lancar as bases de uma nova civilizacao [It is necessary to lay the foundations of a new civilization]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Morin, Edgar
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 03:29:56
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162818

“É necessário lançar as bases de uma nova civilização”

Entrevista com Edgar Morin

Edgar Morin, em entrevista publicada no jornal *La Repubblica*, em 13 de novembro de 2005, reflete sobre a rebelião francesa nestas últimas três semanas. Nas notícias diárias da página www.unisinos.br/ihu temos publicados textos de Alain Touraine que, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou ontem, e a página já publicara na terça-feira, dia 8-11-05, uma entrevista com Jacques Le Goff e outros pensadores sobre o mesmo assunto.

“Imagine um toco de cigarro que origina um incêndio num mato seco: com o vento, as chamas se propagam primeiro para as regiões mais próximas depois para as mais longínquas”. O sociólogo Edgar Morin, pai do pensamento da complexidade, usa esta metáfora para resumir o que está acontecendo nas periferias francesas. “Para apagar esse fogo, servem palavras de humanidade e compreensão, mas nunca insultos e repressão”, explica.

Professor, nestes dias todos os subúrbios se manifestam: como o senhor descreve esta situação?

Os subúrbios são os lugares da desintegração social. Para a maior parte dos jovens de origem magrebina que os habita, os procedimentos tradicionais de assimilação não funcionam mais. Há, além disso, entre estes jovens, uma consciência fraquíssima de pertença a uma entidade nacional. E isso por dois motivos: o primeiro é que a escola não tem mais a força necessária para transmitir e fazer amar a cultura francesa; o segundo, se deve às repercussões do conflito histórico entre ocidente e mundo islâmico”.

Em que sentido?

Entre estes adolescentes alguns têm os documentos, outros não. Alguns trabalham, mas muitos são desempregados. Alguns sobrevivem na

legalidade, outros devem recorrer à economia paralela da droga ou do furto. A tudo isso se acrescenta a brutal repressão dos policiais franceses entre os quais, um dos insultos mais em voga é “árabe sujo”.

Mas quem são os vândalos?

São adolescentes que se reúnem em bandos recriando uma pequena sociedade à luz do modelo do clã pré-histórico. Quando acontece uma desintegração do tecido social, estes jovens se reintegram num novo tecido com um território próprio, uma autoridade legítima, que é o chefe das regras de comportamento reescritas. Estes bandos estão, muitas vezes, em conflito entre eles, mas estão, sobretudo, em guerra aberta com a sociedade. Creio, no entanto, que a palavra “casseur” seja muito restritiva: certamente, estes jovens devastam tudo o que encontram pela frente, mas isso acontece somente nos momentos de euforia coletiva, portanto eles não podem ser criminalizados, mas compreendidos e ajudados”.

De quando vem este fenômeno?

De muitos anos. Eu lhe asseguro que este tipo de revolta já se deu diversas vezes nas periferias francesas. Mas até há algumas semanas, estas revoltas eram circunscritas aos seus lugares de origem. Explodiam num bairro sem

contagiar os outros. Eram revoltas efêmeras e localizadas. Agora, pelo contrário, elas atingem proporções inauditas por se terem tornado uma rebelião coletiva dos jovens que foi desencadeada pela morte de dois deles, talvez assassinados pela polícia. Uma granada contra uma mesquita justificou aos olhos de muitos deles estas revoltas.”

Houve, enfim, a palavra infames, que o ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, novamente pronunciou há dois dias.

Um insulto que jogou mais gasolina no fogo e que originou uma espécie de terrível festa devastadora que continua a ser celebrada todas as noites com a destruição de automóveis, escolas, postos policiais, restaurantes.

Como se deu o contágio da violência de um bairro a outro?

Bastaram as imagens dos primeiros choques, os de “Clichy-sous-bois”, transmitidas pela televisão. Em poucas horas, outros pequenos grupos de delinquentes provaram a mesma vontade destruidora em outras periferias da França. O fenômeno se generalizou rapidamente.

Quais são as causas profundas do mal-estar juvenil?

Veja, quando uma doença é muito grave, juntamente com as suas causas é preciso curar também os sintomas. Teria bastado uma repressão muito mais pontualizada e precisa contra aqueles que organizam estas revoltas. Assim como está, a reação da polícia me parece demasiadamente confusa. São, pois, necessárias palavras de humanidade, de solidariedade e de compreensão pela tragédia que golpeia os guetos onde vivem estes adolescentes. E por parte do governo francês não ouvi, até agora, um só discurso deste tipo.

E que soluções sugere?

Existe uma só: a integração social que passa por um profundo plano de reformas não só econômicas e sociais, mas também morais e políticas. Os adolescentes são sempre o anel mais fraco da sociedade francesa. É, portanto, necessário acordar neles o sentimento de pertença a uma nação, à Europa, ao Ocidente.

O que acontecerá agora?

A situação se acalmará, mas será difícil afastar das nossas consciências o espectro de tudo o que estas revoltas significaram. Será necessário repensar a política social francesa. Mas para recomeçar se necessitará, antes, lançar as bases de um novo modo de conviver ou, se preferir, de uma nova civilização.